

JUNHO: AS RESSONÂNCIAS DE UM MÊS QUE NÃO TERMINOU

June: the resonances of a month that has not ended

Junio: las resonancias de un mes que no ha terminado

Kênia Freitas

Pós-doutoranda no Programa de Mestrado da Universidade Católica de Brasília (UCB). Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Mestre em Mídias pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Email: kenialice@gmail.com.

Resumo

Artigo sobre os filmes *Junho e Com vandalismo*, que registram as manifestações no Brasil em 2013. O trabalho tem como ponto de partida o caráter ressonante dessas imagens em movimento, entendendo a ressonância como uma efervescência corporal, afetiva e tangível gerada pelo encontro da multidão nas mobilizações políticas. O objetivo do texto é o de construir uma reflexão sobre as imagens em movimento das manifestações de rua atuais por meio da qualidade ressonante que as atravessam. Por meio da análise multidisciplinar dos filmes, o artigo evidenciará a ressonância das imagens de protestos sob dois aspectos: nas cenas dos corpos da multidão nas ruas e nos dispositivos filmicos de edição, roteirização e montagem que produzem ou ampliam esse efeito.

Palavras-chave: Manifestações. Multidão. Ressonância. Imagem-acontecimento.

Abstract

This article is about the movies *Junho and Com Vandalismo*, that documented the demonstrations in Brazil in 2013. The work has as starting point the resonant aspect of those images in movement, considering resonance as a corporal, affective, and tangible effervescence generated by the encounter of the multitude in the political manifestations. The goal of this article is to construct a reflection about the images in movement of the current street manifestations through the resonant quality that cross them. Through multidiscipline analysis of movies, the article will highlight the resonance of images of protests in two aspects: in the scenes of the bodies of the multitude in the streets, and in the filmic devices of editing, formulation of scripts and assembly that produce or amplify this effect.

Key words: Demonstrations. Multitude. Resonance. Image-event.

Resumen

Artículo sobre las películas *Junho y Com Vandalismo*, que registran las manifestaciones en Brasil en 2013. El trabajo tiene como punto de partida el aspecto de resonancia de esas imágenes en movimiento, teniendo en cuenta la resonancia como una efervescencia corporal, afectiva y tangible generada por el encuentro de la multitud en las manifestaciones políticas. El objetivo de este artículo es la construcción de una reflexión sobre las imágenes en movimiento de las manifestaciones actuales a través de la calidad de resonancia que las atraviesa. A través del análisis multidisciplinar de las películas, el artículo destacará la resonancia de las imágenes de las protestas en dos aspectos: en las escenas de los cuerpos de la multitud en las calles, y en los dispositivos filmicos de edición, elaboración de guiones y montaje que producen o amplifican este efecto.

Palabras claves: Manifestaciones. Multitud. Ressonancia. Imagen-evento.

Introdução

As manifestações de junho de 2013 no Brasil trazem consigo uma infinidade de discursos e leituras possíveis – algumas complementares, outras quase opostas. E instalaram um novo imaginário político nacionalmente, para além dos momentos de eleição e da democracia representativa. Nesse artigo iremos nos referir aos protestos que se iniciaram em junho de 2013 contra o aumento das passagens de ônibus e perduraram por meses em várias cidades diferentes, com pautas e reivindicações expandidas sob a marca “Jornada de Junho”, ou simplesmente como as “Manifestações de Junho”. Julho, agosto, setembro, os atos políticos que seguiram nesses meses são ressonâncias diretas da mesma jornada. Assim, mais do que a 30 dias no calendário de 2013, a Jornada de Junho refere-se às múltiplas marchas da multidão nas ruas do Brasil concentradas, sobretudo, entre meados de 2013 e início de 2014.

Na introdução escrita coletivamente pelos organizadores do livro “Junho: potência das ruas e das redes”, os autores vão justamente argumentar que junho não terminou, *junho está sendo*. Para os autores, é fundamental pensar as manifestações a partir da sua multiplicidade: “Em Junho, a história perderia o H maiúsculo. Longe da transcendência e do universal, as manifestações produziriam um exame de redes e afetos, nem sempre encolunados numa subjetividade do Um e dos relatos clássicos da emancipação” (MORAES et al., 2015, p. 11). Ou seja, haveria um enorme abismo entre “a energia que circula nas ruas e nos imaginários dos protestos” e a tentativa de organização política dessa energia. A ressonância das ruas não se expande direta e necessariamente para os espaços políticos institucionalizados. “De fato, não é incomum que as imagens de praças e avenidas lotadas se sobreponham às da repressão, da retomada conservadora e refluxo de movimentos” (Ibdem, p. 14-15). É com essa perspectiva que os autores vão propor uma leitura de Junho a partir de uma temporalidade ampliada:

Pensar um Junho que está sendo; pensar um, dois, três anos de Junho, de estar em Junho – e não apenas, o que se passou desde junho – faz parte de uma visão política ampla que resiste em decretar o fracasso dos acontecimentos que atualizam a História, que resiste a negar a potência da ação coletiva no imaginário

político, apenas pela falta de institucionalização da revolta. Não vemos que a explosão de afetos, encontros e conexões das ruas deve ser necessária e inexoravelmente reduzida à representação e ao avanço da política profissional sobre a espontaneidade múltipla da irrupção política de fora (Ibdem, p. 15).

É a partir dessa perspectiva das jornadas de junho, como um acontecimento de criação do novo na política, que pretendemos pensar as manifestações brasileiras de 2013. Não apenas a partir das consequências concretas na política institucionalizada, mas também como a instalação de novas possibilidades de correlações de forças que surgem a partir dos encontros ressonantes da multidão nas ruas. Vamos tentar nesse artigo abordar algumas dessas versões do acontecimento por meio de filmes que tratam dos eventos. Mas antes das imagens, nos propomos a construir também a nossa mini narrativa das manifestações brasileiras.

Tudo começou em R\$0,20. O aumento das passagens de ônibus e de metrô em algumas capitais brasileiras gerou as primeiras manifestações puxadas pelo Movimento do Passe Livre (MPL) e apoiadas no início por poucas centenas de pessoas. Organizado de forma horizontal, descentralizada, autônoma e apartidária em coletivos regionais, o MPL convoca manifestações e discussões sobre mobilidade urbana desde 2005, ano em que foi fundado. No histórico anterior e responsável pela surgimento do coletivo no Brasil estão as Revoltas do Buzu (Salvador, 2003) e a Revolta da Catraca, (Florianópolis, 2004), protestos que se levantaram contra o aumento de preço das passagens nas respectivas cidades (MOVIMENTO PASSE LIVRE - SÃO PAULO, 2013, p. 13-18).

Só que, em 2013, os atos convocados pelo coletivo superaram os objetivos iniciais do MPL-SP. A multidão tomou as ruas assumindo a bandeira de luta pela redução do preço do transporte urbano e trazendo muitas outras bandeiras a tiracolo. Assim, ao longo dos protestos, o movimento passe-livrista passou de primeiro protagonista a mais um dos muitos agentes, individuais ou coletivos que construíram a Jornada de Junho.

Essa transição pode ser notada em pesquisas como a do Núcleo Interagentes (INTERAGENTES, 2013) a partir de perfis e páginas no Facebook que postavam publicamente sobre os protestos na cidade de São Paulo. De acordo com

os dados coletados, a página do MPL-SP, que era uma das maiores autoridades (ou seja, página com mais valor e mais compartilhada pelos usuários da rede social) nas primeiras manifestações no início de junho, passou a não mais constar entre as 20 maiores autoridades nas manifestações no final do mesmo mês.

Uma primeira explicação para a popularização dos protestos está na ação violenta da polícia às manifestações. Repressão que foi dirigida não só aos manifestantes, mas também à mídia (corporativa ou alternativa) que fazia a cobertura. O dia 13 de junho foi um ponto de inflexão no movimento, nele as ações extremas da polícia foram noticiadas tanto nos grandes veículos de comunicação, como nas coberturas alternativas e/ou ativistas por meio das redes sociais. Formou-se então toda uma rede de solidariedade e indignação, mobilizando mais pessoas a irem às ruas. O ciclo manifestação, repressão, confronto e nova manifestação durou de forma intensa e crescente por cerca de um mês em várias cidades brasileiras. Então, já não eram apenas os vinte centavos. Mesmo com a vitória pontual e a revogação do aumento do preço das passagens em muitos municípios, em várias cidades os atos continuaram com as agendas diversificadas: contra os transtornos provocados pela Copa das Confederações nas cidades-sede, a corrupção dos políticos, as condições ruins de saúde e educação, etc.

Se podemos (e devemos) pensar a Jornada de Junho por suas causas internas (como a indignação com o aumento no preço das passagens, a revolta com a violência policial, o descontentamento com os grandes investimentos e a remoção de populações provocadas pela organização da Copa do Mundo e, até mesmo, como um empoderamento político da classe C pós Governo Lula), podemos fazer o exercício também de contextualizá-la dentro de um cenário político mundial que viu surgir, nos últimos anos, um grande número de manifestações e ocupações populares. Acreditamos que essas revoltas globais constituem um ciclo de lutas que, preservando as particularidades de cada local, pode ser pensado a partir de suas características em comum.

Assim, podemos observar uma variedade de desenvolvimentos para a ressonância da multidão nas ruas em cada país. Por exemplo, enquanto as revoluções árabes (sobretudo na Tunísia e no Egito) foram protestos que evoluíram para se constituírem como insurgências com milhares de

pessoas nas ruas derrubando regimes, na Espanha o movimento 15M ao longo dos meses perdeu a intensidade dos corpos ocupando o espaço urbano, mas consolidou-se em uma série de redes e iniciativas políticas interconectadas (de partidos políticos horizontalizados aos mais variados tipos de coletivos). No Brasil, por sua vez, a Jornada de Junho não levou à derrubada de governo nem à criação de coletivos representativos das manifestações, e ainda assim, podemos afirmar que houve uma efetiva mudança no imaginário político do país desde então.

Além da participação nos atos, marchas e assembleias, muitas imagens emblemáticas marcaram a construção do acontecimento. Entre elas: a repressão policial do protesto de 13 de junho na capital paulista⁸; o ato do dia 17 de junho em Brasília com a ocupação do teto do Congresso Nacional⁹; e a manifestação de 20 de junho que reuniu mais de um milhão de pessoas na Av. Presidente Vargas, no Rio de Janeiro¹⁰. E, para além das muitas imagens ressonantes que circularam pelas redes sociais, as jornadas também fizeram emergir o fenômeno da transmissão ao vivo via internet dos protestos – pouco comuns nos atos políticos brasileiros anteriormente.

Para Ivana Bentes, a explosão desse tipo de transmissão dos protestos resultou na constituição de uma espécie de “filme-fluxo ou uma mídia-multidão em processo”, a partir do trabalho de centenas de cinegrafistas ativistas (BENTES, 2013, p. 302). Uma produção de imagens que foi intensificada pela ressonância dos corpos nas ruas e as formas livres de circulação na rede: “a intensidade da comoção e do engajamento constroem um complexo sistema de espelhamento, potencialização entre redes e ruas” (Ibidem, p. 302). Dessa forma, “estar na rua” passa a ser também uma experiência possível pelo *streaming* das manifestações feito por uma série de coletivos ativistas.

São essas relações entre Junho e a ressonância de suas imagens que analisamos nesse artigo, a partir de dois filmes bastante distintos entre si. Começaremos por *Junho: o mês que abalou o Brasil*, filme sobre os protestos em São Paulo feito pelo

8 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hE8QKeduRIs>. Acesso em 10 de dezembro de 2015.

9 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0ox56RIZOuI>. Acesso em 10 de dezembro de 2015.

10 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A87MctF-f-M>. Acesso em 10 de dezembro de 2015.

jornal Folha de S. Paulo, do grupo Abril. E o segundo filme abordado é a produção cearense *Com Vandalismo*, que trata das manifestações em Fortaleza focando nos embates entre os manifestantes “pacíficos” e os “vândalos”, polarização comum durante os debates sobre Junho no Brasil.

Junho: as dissonâncias midiáticas do acontecimento

O documentário *Junho: o mês que abalou o Brasil*, dirigido por João Wainer, faz uma análise e retrospectiva cronológica das manifestações de junho de 2013, focadas na cidade de São Paulo. O filme é composto pelo material produzido pela equipe de reportagem da TV Folha (empresa realizadora do filme) e por entrevistas com manifestantes, ativistas do MPL-SP, especialistas (sociólogos, cientistas políticos, filósofos, etc.) e profissionais da mídia que atuaram na cobertura dos eventos (como, por exemplo, a repórter da própria TV Folha, Giuliana Vallone, que foi atingida por uma bala de borracha durante um dos protestos). O documentário também utiliza algumas reportagens de televisão, vídeos que circularam pelas redes sociais e imagens amadoras dos protestos.

Na sequência de abertura do documentário temos uma tela preta, enquanto ouvimos o áudio de noticiários diversos: a previsão do tempo para o mês de junho, a presidenta Dilma Rousseff declarando a abertura da Copa das Confederações de futebol, a âncora do telejornal anunciando o aumento das passagens do transporte público, a narração de um jogo de futebol, o som dos manifestantes nas ruas e de bombas estourando. Em seguida, ouvimos depoimento de pessoas que não serão identificadas descrevendo a experiência como usuários do transporte público – as falas destacam o caráter mal cuidado e a hiperlotação dos meios de locomoção. Ao mesmo tempo em que ouvimos os relatos, vemos imagens dos trens, dos metrô e dos ônibus lotados. O prólogo termina com uma montagem de imagens de manifestações até mostrar o título do filme.

Passamos então para o depoimento de uma ativista do MPL-SP, Nina Cappello, sobre a origem e os objetivos do movimento. A entrevista da ativista acontece à noite, na rua e durante a concentração de um ato, com trechos que serão retomados ao longo de todo o documentário. Embora mais três militantes do movimento sejam brevemente entrevista-

dos, é pela fala de Cappello que o filme construirá o ponto de vista do MPL. Após a ativista, o filme ouve também alguns especialistas, tentando balancear perspectivas diferentes sobre o movimento. Após a apresentação do histórico do MPL, o filme mostra rapidamente imagens dos atos contra o aumento das tarifas, convocados pelo movimento nos dias 6 e 7 de junho em São Paulo. As imagens são sobrepostas pelos depoimentos de ativistas e especialistas. É esse dispositivo que o documentário utilizará até o seu final, seguindo cronologicamente a sequência de atos e os seus desdobramentos, sempre com comentários dos entrevistados.

O filme destaca a violência policial do dia 13 de junho como virada definitiva na percepção das manifestações. A repressão acaba tendo o efeito de produzir a expansão da ressonância das manifestações – seguindo a lógica da manifestação que sofre repressão, gerando solidariedade e que termina por produzir uma manifestação ainda maior do que a inicial, comum a todo o ciclo de protesto. No caso brasileiro, o efeito atinge não apenas a população, mas também a narrativa que a mídia tradicional fazia do evento. Para Knijnik, Lima e Ortellado a mudança da narrativa dos meios de comunicação se dá de duas formas: “eles param de identificar o movimento com os partidos políticos da extrema-esquerda; e, adicionalmente, sugerem que sob a insatisfação com o preço das passagens escondem-se muitas outras insatisfações” (KNIJNIK; LIMA; ORTELLADO, 2013, p. 139). Embora esteja fazendo uma análise sobre a mídia tradicional da qual o documentário é fruto, *Junho* segue a sua narrativa se eximindo de qualquer auto-reflexão ou metalinguagem que inclua a realização do documentário no debate sobre a mídia. As defesas e as críticas negativas aos posicionamentos da imprensa são colocadas nas palavras dos entrevistados e tratadas como qualquer outra das temáticas do filme.

Após esse debate sobre essa transformação da cobertura da mídia, o filme chega à manifestação do dia 17 de junho. As imagens áreas da manifestação já mostram o seu enorme tamanho, consideravelmente maior do que os outros protestos. Fica evidente também uma preocupação maior na produção das imagens nas ruas: com enquadramentos mais cuidadosos e melhor resolução técnica. O filme nos mostra, então, imagens das manifestações que aconteceram simultaneamente por todo o país e algumas metrópoles mundiais (como Londres, Paris e Dublin) naquele dia.

Embora o 17 de fato tenha representado o dia com o maior número de manifestantes nas ruas do Brasil durante a Jornada de Junho, é importante ressaltar que as manifestações foram puxadas desde o início do mês de forma concomitante e ressonante, pelo MPL e outros movimentos horizontais de várias cidades, com maior expressão no Rio de Janeiro, Porto Alegre e Goiânia. O dia 17 marca, assim, a ampla expansão do movimento depois que ele é abraçado pela grande mídia. Porém, as manifestações já tinham caráter de ressonância por várias cidades desde o seu início.

Enquanto o documentário mostra a multidão nas ruas em várias cidades, ouvimos os manifestantes uníssonos pelo microfone humano: “Nós fazemos parte de uma luta nacional. De uma luta mundial. Não podemos parar aqui. Nós só vamos parar quando a gente colocar um milhão, dois milhões, três milhões, 20 milhões aqui! Para falar pra eles que não tá certo o que eles fazem com o nosso dinheiro, com a nossa saúde, com a nossa educação” (sic). O breve discurso, selecionado para abrir a sequência de imagens, em nenhum momento aborda a questão do transporte urbano, dando mais um exemplo da difusão de pauta das reivindicações adotada pela mídia e pelos novos manifestantes depois do dia 13. Em entrevistas, o filme mostra a preocupação dos manifestantes que estavam desde antes nas ruas com esses efeitos de expansão e difusão.

O ato da terça-feira, 18 de junho, mantém a participação multitudinária do dia anterior. Sobre ele, o filme mostra a incapacidade do MPL de continuar a controlar o trajeto dos manifestantes. A multidão vai parar na frente da prefeitura de São Paulo e trava um confronto com a guarda municipal, na tentativa, de alguns, de invadir o local. A Polícia Militar está ausente depois das severas críticas que recebeu após a repressão do dia 13. Há um impasse do poder municipal em chamar o Batalhão do Choque para atuar, mas este acaba sendo acionado para garantir a segurança dos funcionários dentro do prédio. O filme mostra a seguir que, com a demora da polícia para chegar ao local, o caos se instaura com depredação dos *black blocs* e saques a diversas lojas no centro de SP.

O dia 19 de junho é marcado não por atos da multidão, mas pelo anúncio coletivo feito pelo governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckimin, e pelo prefeito da capital, Fernando Haddad, revogando o aumento das passagens do

transporte urbano. O dia seguinte é novamente de manifestação, já que, desde a difusão das pautas, a multidão continuava com muitos motivos para tomar as ruas. No filme, o ato acaba marcado por muitas brigas entre os manifestantes. Entre uma infinidade de posições políticas, o documentário nos mostra a polarização de dois blocos: os “sem partido” e os “sem fascismo”. O resumo do ato está focado nas diversas discussões que ocorreram na rua naquela noite.

O dia 20 de junho é a última grande manifestação que o filme cobre na capital paulista. Ele passa, então, a abordar temáticas variadas e ressonantes aos atos do movimento, como o pronunciamento da presidenta Dilma Rousseff que propõe cinco pactos com a sociedade brasileira após os estremecimentos provocados pela multidão nas ruas de todo país. O documentário também mostra uma manifestação no dia 26 de junho, na periferia de São Paulo. Para representar o movimento, o documentário entrevista o poeta Sérgio Vaz, que faz críticas ao movimento da Jornada de Junho, afirmando que a periferia “nunca dormiu” (em resposta ao lema “O gigante acordou!” adotado por vários manifestantes em Junho) e que nos bairros populares a repressão da polícia não é feita com bala de borracha.

O último bloco do filme faz uma relação entre o futebol e a política, visto que muitos dos protestos continuavam motivados a criticar a organização da Copa das Confederações que o Brasil estava sediando, como preparação para a Copa do Mundo de Futebol de 2014. O filme faz uma montagem com: o protesto no Rio de Janeiro ao final do evento, as pessoas indo para o estádio do Maracanã, a polícia fazendo a repressão do ato, a torcida já dentro do estádio e o jogo. Vemos parte dessas imagens ao som do hino nacional executado antes da partida, e que continua sendo cantado à capela pelos torcedores após o fim da reprodução mecânica. Nesse momento, em que a torcida se une em coro para continuar a música, temos uma ressonância da multidão que não está ligada a um evento insurgente e sim a uma celebração esportiva. De qualquer forma, são os corpos da multidão de torcedores afetando-se e compondo-se em ressonância. Após o hino, o *remix* de imagens segue, agora com as considerações dos especialistas sobre política e futebol. Vemos disparados, ao mesmo tempo, bolas em direção ao gol, para delírio da torcida, e bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha, para terror dos manifestantes. O filme encerra-se

com o coro dos manifestantes reproduzindo um dos lemas de Junho: “amanhã vai ser maior!”.

Junho não é um filme que trata o acontecimento (no seu caso, a Jornada de Junho) como insurgente e uma ressonância da multidão. As entrevistas em *Junho* tem um caráter hierarquizante: a voz dos especialistas, a voz dos ativistas, a voz dos manifestantes, a voz da polícia, etc. O filme organiza a fala de cada um desses entrevistados não para compor uma narrativa polifônica e múltipla, mas para criar um relato totalizante do acontecimento. Cada entrevistado mais do que uma singularidade é a representação de uma função social e essa função que o seu discurso faz operar no filme. Ou seja, ao intelectual cabe elaborar teorias gerais sobre o Brasil ou algum aspecto das manifestações; ao manifestante, falar do movimento e das reivindicações; ao policial, da operação de segurança; aos jornalistas cabe fazer a crítica dos meios de comunicação, etc.

Imageticamente esse lugar da fala é muitas vezes evidenciado pela locação escolhida para os depoimentos: os especialistas falam em ambientes fechados, como escritórios e bibliotecas, com uma coleção de livros ao fundo; a ativista do MPL é entrevistada nas ruas, próxima a uma manifestação; a jornalista ferida pela polícia dá entrevista da cama de hospital. Não há um diálogo ou uma construção a partir de uma multiplicidade de vozes que se somam, mas uma normatização do acontecimento por meio do enquadramento de quem fala nos locais de explicação e da reprodução na narrativa das estruturas sociais.

Para François Dosse (2013), a primeira etapa de intervenção dos meios de comunicação na cobertura de um acontecimento é a descrição (tentando explicar nesse momento o que aconteceu). Essa etapa é fundamental para transformar a abundância de informação heterogênea e caótica em um esquema único e coerente. A partir disso, a mídia constrói a sua narrativa, em que procura encaixar todos os elementos que compõem o acontecimento em um mesmo esquema (fazendo, obviamente, a sua seleção). E, por fim, há a normalização, que enquadra essa nova narrativa dentro dos padrões de interpretação e significação dos acontecimentos daquele veículo.

A multidão, em *Junho*, é assim categorizada e explicada. Quando os esquemas propostos não são mais suficientes para dar conta dos acontecimentos, a multidão torna-se mons-

truosa. É o caso do protesto do dia 20 de junho, em que o filme nos mostra muitas discussões entre os manifestantes na rua. Nas sequências, nenhuma das pessoas que se expressam é identificada e grande parte delas aparece com o rosto borrado para manter o anonimato. À primeira vista, poderíamos pensar se tratar de questão referente ao direito de uso de imagens dos manifestantes. Mas em nenhum dos outros atos existe o uso desse recurso e diversos manifestantes são filmados de forma livre. A hipótese que nos resta é que nos demais momentos, as pessoas não estavam expressando suas opiniões políticas e ideológicas como nas cenas do dia 20 e, como essa não é a função destinada ao manifestante comum, não cabe a ele o direito completo à imagem no filme. A multidão quando múltipla só consegue ser representada como monstruosa e dissonante. Não há espaço para os bons encontros e as novas afecções no universo da descrição categórica do jornalismo padrão.

Dessa forma, mais do que um filme de imagens ressonantes, pensamos em *Junho* como uma montagem dissonante do acontecimento insurgente das Jornadas. Por mais que existam imagens de multidão na rua ou em confronto com a polícia, o que a montagem do filme opera de forma geral é uma despotencialização dos afetos da multidão. No documentário, o evento ressonante é visto como um acontecimento encerrado no passado, passível de interpretações dos intelectuais de fora das ruas.

Com Vandalismo: as imagens ressonantes da linha de frente

O filme *Com Vandalismo* foi realizado de forma independente e colaborativa pelo coletivo de mídia alternativa Nigéria¹¹, composto por Pedro Rocha, Roger Pires, Yago Gurjão e Bruno Xavier. O documentário mostra, a partir da gravação de quatro manifestações realizadas durante junho de 2013 em Fortaleza, o embate interno entre os manifestantes: os vândalos (manifestantes a favor do uso de práticas de ação direta, como a destruição de patrimônio e o ataque à polícia) e os pacíficos (contra qualquer forma de ação violenta). Para discutir essa relação, o documentário traz ima-

¹¹ Mais informações na página do coletivo no Facebook: <https://www.facebook.com/coletivoNigeria>. Acesso em 10 de dezembro de 2015.

gens e entrevistas com manifestantes feitas durante os atos e uma narração subjetiva em voz *over*, feita posteriormente, para contextualizar alguns eventos e externalizar as impressões dos mídia-ativistas.

O filme se inicia com a seguinte narração dos realizadores:

Junho de 2013. O Brasil entrou em um dos momentos mais enigmáticos de sua história. Assim como eventos no Egito e Turquia, o país reuniu milhões de pessoas nas ruas. As manifestações tiveram diferentes motivos e resultados. O ponto em comum: a separação dos manifestantes entre pacíficos e vândalos. Divisão propagada pela imprensa e governantes depois de várias manifestações resultarem em confronto com a polícia. Vândalos, segundo a grande imprensa brasileira, são pessoas sem motivações políticas, que depredam patrimônio público, carros de veículos de comunicação e atacam a polícia com o simples objetivo de estabelecer o caos. Vândalos seriam a minoria infiltrada, baderneiros, bandidos. Por causa disso não merecem ser escutados. Seriam esses manifestantes sem propósito? Qual a motivação para a desobediência civil? Resolvemos acompanhar de perto os conflitos e os chamados “vândalos”.

O texto mostra a ressonância que os realizadores veem entre as manifestações no Brasil e o ciclo de lutas globais (exemplificado pelo Egito e pela Turquia). Destaca também a difusão de pautas dos protestos brasileiros, após a expansão do movimento de São Paulo para todo o país – a pauta da tarifa do transporte urbano não será mencionada em nenhum momento nem pelos realizadores, nem pelos manifestantes entrevistados. E, por fim, o texto apresenta a temática central do filme: a relação entre os manifestantes pacíficos e vândalos, assim como a estigmatização do segundo grupo pela imprensa e pela opinião pública. Enquanto ouvimos a narração, vemos imagens estilizadas em preto em branco, com alguns detalhes coloridos de cenas das manifestações, sobretudo de ações diretas dos manifestantes.

Após essa introdução, o filme insere um depoimento em voz *off* de um manifestante justificando a ação mais violenta da multidão diante da repressão policial. As imagens na tela são de uma manifestação que será em seguida identificada como a do dia 19 de junho, Manifestação contra a Copa das Confederações de Futebol. O ato reuniu cerca de 80 mil

pessoas no entorno da Arena Castelão, no dia do jogo Brasil x México no estádio cearense. O bloco segue combinando narrações em *off* dos mídia-ativistas e dos manifestantes com imagens da marcha. Algumas das entrevistas dos manifestantes são feitas de forma breve em frente às câmeras, durante o ato.

As imagens são captadas de dentro da passeata ao lado da multidão. Enquanto a câmera filma a entrevista com um manifestante, sobre o motivo dele estar no ato, ouvimos ao fundo o primeiro estouro de bomba de gás lacrimogêneo. O cinegrafista, o entrevistado e toda a multidão começam a correr da fumaça da bomba e dos seus efeitos. As imagens se tornam tremidas e muitas vezes sem enquadramento proposital, já que o mídia-ativista continua gravando durante a sua fuga.

Logo depois do ataque, o documentário mostra os manifestantes que estão passando mal sob o efeito do gás e outros que tentam ajudar oferecendo vinagre e água. A reação posterior de alguns manifestantes é a de destruir um carro vazio do poder público. Os mídia-ativistas recebem então a denúncia de várias pessoas atingidas com balas de borracha, que mostram as suas feridas e os cartuchos de munição recebidos. Um dos membros do coletivo Nigéria, que está realizando o filme, também é atingido por uma bala de borracha no olho. O impacto dessa é suavizado por um óculos de proteção contra gás lacrimogêneo.

No dia seguinte, os cinegrafistas vão fazer a cobertura de mais uma marcha. Dessa vez, é uma manifestação estudantil: contra o atraso da entrega das carteirinhas de estudante. Mas, diante da violência policial na repressão do ato do dia anterior e da ressonância da multidão nas ruas de todo o país, o protesto tão específico ganha proporções muito maiores. O filme entrevista uma série de manifestantes nesse bloco, todos jovens. Há uma grande divisão de posicionamento entre os que condenam as ações diretas dos ditos vândalos e os manifestantes que as praticam ou defendem, acusando o estado de ser o verdadeiro vândalo.

Após andar pela cidade, a multidão chega ao Palácio do Governo e há um debate sobre duas possibilidades de ação a partir daí: formar uma pequena comissão de representantes para uma reunião com o governador do Estado ou ocupar o Palácio da Abolição. A divergência maior está entre os manifestantes que convocaram o ato, organizados em comissões

e estruturas tradicionais de esquerda, e os manifestantes independentes, que recusam qualquer forma de representação que não seja a direta. O protesto termina com 60 detidos, entre eles 13 menores de idade. O filme nos mostra os jovens detidos colocados lado a lado, marchando com a mão na cabeça, escoltados pela polícia. A cobertura encerra-se ao som de bombas e gritos dispersos de “Não violência!” (de manifestantes) e de “Vão embora!” (dos policiais).

No dia 21 de junho, mais uma manifestação. Dessa vez pela educação. O bloco começa ao som do hino nacional executado por um carro de som e a multidão segue pelas ruas cantando. Não parece haver um grupo que tenha feito uma convocação geral, não há um percurso pré-definido e temos uma divisão ainda mais evidente entre pacifistas e manifestantes que praticam a ação direta. Os “vândalos” que aparecem no filme, em sua maioria, são jovens, do sexo masculino, negros, usam máscaras ou camisas que cobrem os rostos e seguem sem cartazes.

O ato do dia 21 está sendo filmado por duas câmeras diferentes: uma está em algum ponto superior da cidade, gravando, de um ponto fixo acima, a movimentação dos policiais e dos manifestantes; a outra, está no chão e, após o início dos confrontos, acompanhará o embate entre os manifestantes da ação direta e a polícia, mantendo-se ao lado dos “vândalos”. Quando o Batalhão de Choque dispersa os manifestantes resistentes com muitas bombas, a câmera continua gravando enquanto o cinegrafista corre para se proteger. Mais uma vez, as imagens tornam-se abstratas e sem enquadramentos propositais, filmando o chão e os pés, sem muito sentido. Mais do que imagens figurativas, são imagens que testemunham a presença de um corpo naquela situação: imagens-acontecimentos e emergenciais.

A última manifestação mostrada pelo filme acontece cinco dias depois, em 27 de junho, em mais um jogo da seleção brasileira de futebol pela Copa das Confederações realizada na Arena Castelão. É um protesto em que o hino nacional é cantado poucas vezes e com mais presença de bandeiras de movimentos sociais, como o MST (Movimento dos Sem Terra), do que bandeiras do Brasil. Ainda há divisão entre os manifestantes, mas tendendo haver uma crítica maior à ação policial do que ao movimento.

Após alguns minutos, o ato para na barreira policial, impedido de avançar. Alguns manifestantes decidem atirar

pedras e logo a polícia responde com bombas. Instala-se a correria e mais uma vez o cinegrafista foge com a câmera ligada. Os manifestantes parecem mais resistentes, segundo a narração. Eles chutam de volta as bombas ou as inutilizam mergulhando-as em um galão de água – técnica que um dos manifestantes explica ter sido aprendida em vídeos de protestos na Turquia. E os cinegrafistas também estão menos vulneráveis: “Depois de três dias na linha de frente, até nós começamos a resistir mais ao gás lacrimogêneo”, diz a narração.

O confronto se estende por um longo tempo, com torcedores perdidos tentando chegar ao estádio, moradores e trabalhadores da região passando pelas ruas e até uma criança à cavalo no meio do fogo cruzado de manifestantes e policiais. Os manifestantes fazem barricadas com placas e utilizam também o carro de uma emissora de televisão para impedir o avanço da polícia. O batalhão usa uma rua lateral e consegue cercar os manifestantes, que ficam acoados. Pouco depois, uma parte deles é detida pela polícia, inclusive membros da equipe de gravação do filme. São mais de 80 detidos. Na avaliação dos realizadores, é o protesto com o saldo mais violento.

A narração final é feita sobre imagens em câmera lenta das manifestações e faz um balanço geral dos quatro protestos:

Em quatro dias de gravações e entrevistas, vimos as manifestações mudarem o seu perfil. Palavras de ordem sendo abandonadas e outras surgindo. A massa de mais de 80 mil pessoas do primeiro protesto se transformou em cinco mil, no último. Mesmo com um menor número de manifestantes, o último protesto foi o mais violento e o mais reprimido pela polícia. Vimos a violência aumentar. Como se a repressão policial fosse o combustível que aumentasse a revolta popular. Vimos pessoas pacíficas virando vândalos. E vândalos virando pacíficos. Vimos a grande imprensa e governantes influenciar a opinião pública e repudiar os vândalos. Vimos os vândalos como um ainda enigmático fenômeno social. Apesar de estarmos presentes em todas as manifestações e conflitos, não temos uma visão completa dos reais significados de tudo que está acontecendo e o que isso pode influenciar no futuro do Brasil.

Para além de um grande resumo, é por meio dessa narração que os realizadores assumem um olhar mais subjetivo, sublinhando a incapacidade do filme de fazer qualquer relato totalizante dos acontecimentos de junho em Fortaleza – por mais que tenham acompanhado a todos os atos realizados.

Enquanto os créditos do documentário passam, ouvimos várias declarações e conversas dos manifestantes sobre os atos e o vandalismo. Entre as inserções de som em *off*, uma nos parece fundamental para entender a realização do filme. Em uma conversa quase no final, um dos manifestantes questiona o cinegrafista: “Ei, amigo você é de alguma emissora?”. A resposta vem logo: “Não, é jornalismo independente”. O manifestante então continua: “Porque como os meninos falou: a mídia gosta de passar coisas alienadas. E você é um jornalista, tem o dever de tirar essa imagem... Passar os dois lados. Porque se você está gravando...” (sic). Antes que o rapaz conclua a frase, o mídia-ativista interrompe: “A gente está desse lado” (referindo-se ao lado dos manifestantes). E, por fim, entra a mensagem final dos créditos: “Seja a mídia”.

A conversa entre o mídia-ativista e o manifestante e a mensagem final tornam evidente que por mais que exista um desejo informativo e jornalístico na realização do *Com Vandalismo*, é um tipo de prática jornalística bastante diferente da tradicional ou da realizada em filmes como *Junho*. Ainda que o filme mantenha uma perspectiva aberta e indagadora em relação aos manifestantes que praticam a ação direta, sem partir para uma defesa franca dos vândalos, a posição estratégica das gravações na linha de frente e o envolvimento intenso dos mídia-ativistas no evento (atingidos pela polícia e presos) torna transparente o lado do qual eles filmam: o lado da multidão.

Em um texto publicado na página do coletivo Nigéria no Facebook, chamado “A linha de frente era definitivamente o nosso lugar - como cobrir (sem saber exatamente como) uma revolta popular contra, entre outras coisas, a polícia”¹², um dos mídia-ativistas e realizadores do documentário, Pedro Rocha, faz uma breve reflexão sobre a experiência de produção do filme. Embora acostumados a produzir documentários ativistas para movimentos sociais ou institucionais para o terceiro setor, o coletivo nunca tinha passado por uma si-

tução de filmar conflitos de rua, tendo que produzir imagens urgentes sob o risco de levar tiros de balas de borracha e bombas da polícia. Sem saber como proceder, a forma de gravação surgiu “intuitivamente”, enquanto as imagens foram feitas. E a solução encontrada foi se posicionar “no limiar entre manifestantes e polícia” e fazer entrevistas e conversas com os manifestantes a partir desse local. Mesmo com o estouro das primeiras bombas, o coletivo logo concluiu que para realizar aquele filme “a linha de frente era definitivamente nosso lugar – avançávamos na compreensão da tarefa documental”.

A “linha de frente”, mais do que um local privilegiado para a captura de imagens, mostrou-se fundamental para o entendimento das várias singularidades distintas dos protestos. Segundo Pedro Rocha: “Lá, quem está ao seu lado pode ser um P2 (policia infiltrado), um anarquista contra a tirania do Estado, um pacifista classe média de quarta-feira que mudou seus conceitos depois da repressão, mas principalmente adolescentes da periferia da cidade desprovidos de amor à polícia”. Tentando fugir das simplificações da cobertura da mídia, para a qual haviam manifestantes vândalos e pacíficos, os mídia-ativistas vão entrevistar os manifestantes dessa linha de frente, tentando pensá-los para além de apenas um dos pólos de um esquema.

Após a realização das gravações nas primeiras manifestações, o coletivo se viu confrontado sobre o que fazer com essas imagens. Como fazê-las circular? Como construir uma narrativa dos acontecimentos a partir delas? Dos questionamentos surge a decisão do filme. Gravado ao longo de oito dias, de 19 a 27 de junho, este foi lançado menos de um mês depois, em 13 de julho, com exibições públicas e disponibilização imediata na internet. Da in experiência total do primeiro dia às gravações da manifestação do dia 27, o coletivo havia desenvolvido métodos próprios para a realização do projeto. “Já sabíamos o que filmar, o senso para buscar os entrevistados estava mais apurado. Estávamos também mais resistentes ao gás lacrimogêneo”.

Ainda que a narrativa fílmica seja construída pela *voçover*, após o término das manifestações, assistimos a cada um dos atos como quem assiste a uma manifestação ao vivo: entregue à deriva e à incerteza dos acontecimentos. Uma sensação que se intensifica sempre que os confrontos se tornam mais fortes e os cinegrafistas passam a produzir imagens-a-

¹² Texto disponível em: <https://www.facebook.com/coletivoNigeria/posts/582647815142694>. Acesso em 10 de dezembro de 2015.

contecimentos emergenciais.

A forma como a multidão é mostrada em *Com Vandalismo* com todas as suas disputas internas e posicionamentos políticos diversos assemelha-se, em muitos momentos, a multidão monstruosa de *Junho* e a sua dissonância. Ainda assim, mesmo partindo da polarização entre “vândalos” e “pacíficos”, em alguns momentos reforçando-a pela sua abordagem, *Com Vandalismo* se preocupa em perceber as nuances e transformações internas do movimento. Não é uma multidão dada e fixa, mas uma multidão que se transforma a partir da experiência e dos encontros nas ruas.

Dessa forma, temos os manifestantes, inicialmente contra a ação direta, que passam a defendê-la depois do confronto com a polícia e os “vândalos” que ajudam a socorrer moradores e torcedores no fogo cruzado com a polícia. E, além disso, acompanhamos a própria transformação da equipe de gravação, que inicia as filmagens sem saber como e o que ao certo fazer das imagens produzidas. A partir dos encontros e afetações dos corpos nas ruas, criam a narrativa. Uma narrativa que não se reivindicará totalizante, mas uma perspectiva.

As ressonâncias de Junho no Brasil

Nesse artigo, procuramos pensar as Jornadas de Junho como eventos ressonantes e insurgentes que se estenderam ao longo de vários meses em diferentes cidades brasileiras e ainda refletem no imaginário político do país. Por meio dessa perspectiva, de um junho que não terminou e ainda provoca encontros e ressonâncias múltiplas, que partimos para a análise de dois filmes sobre as manifestações insurgentes brasileiras. *Junho* e *Com Vandalismo* são filmes que abordam os protestos de formas bastante diversas, a começar pelas cidades nas quais se fixam: São Paulo e Fortaleza. A temporalidade da abordagem de certa forma acompanha aquela que as manifestações tiveram em cada uma dessas capitais.

Junho é um filme que concentra a sua narrativa dentro de um mês, dando destaque principalmente aos atos realizados no centro de São Paulo. O filme tem a estrutura de documentário jornalístico, organizando as imagens das manifestações de forma cronológica e com comentários de especialistas, manifestantes e jornalistas para contextualizar e analisar o evento. Assim, ainda que atravessado por ima-

gens ressonantes das ruas, o filme narra os seus acontecimentos a partir de uma perspectiva do poder, enxergando o movimento insurgente e caótico como uma dissonância dos corpos nas ruas, principalmente quando ele se torna mais popular. A multidão ao final de *Junho* é mais monstruosa e destrutiva, do que um corpo político capaz de criar bons encontros e novos afetações positivas.

Com Vandalismo acompanha a temporalidade das manifestações na capital do Ceará. Em Fortaleza, o ápice da ressonância da multidão nas ruas acontece justamente no primeiro ato mostrado no filme, no dia 19 de junho de 2013. O documentário continua acompanhando as manifestações na cidade por oito dias e encerra as suas gravações no dia 27. Registrando os protestos a partir da linha de frente dos conflitos entre manifestantes e a polícia, o filme se concentra na cobertura de quatro atos. Em cada um destes, o documentário tenta compreender a relação entre os manifestantes que utilizavam práticas de ação direta e aqueles que não eram a favor dessa tática. A estrutura do filme também conta com depoimentos de manifestantes e uma narração em voz *over* que contextualiza os acontecimentos.

Mas o caráter jornalístico é atravessado por uma intenção ativista: a narrativa é feita do ponto de vista dos manifestantes, com a equipe do filme fazendo parte ativa dos protestos, inclusive sendo presa e levando tiro de bala de borracha da polícia. As imagens dos protestos, sobretudo nos momentos de confronto com a polícia, marcam os momentos mais ressonantes do documentário. Além disso, o filme tenta perceber os encontros da multidão em que as singularidades são transformadas pelos afetos. Nesse sentido, traça menos uma separação definitiva entre vândalos e pacíficos e mais as possibilidades de encontro e transformação dos grupos.

Referências

BENTES, I. (2013) A câmera de combate e o animal paranóide. In: **Catálogo Fórum.Doc.BH.**

DOSSE, F. (2013) **Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix.** São Paulo: Editora Unesp.

INTERAGENTES. (2014) **Cartografia de espaços híbridos: as manifestações de junho de 2013, 2013**. Disponível em: <http://portal.interagentes.cc/?p=62>. Consultado em: abril.

KNIJNIK, E; LIMA, L; ORTELLADO, P. (2013) “A derrubada do aumento uma narrativa política”. In: KNIJNIK, E. **20 centavos: a luta contra o aumento**. São Paulo: Veneta.

MORAES, A. et al. (orgs.) (2014) **Junho: potência das ruas e das redes**. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung.

MOVIMENTO PASSE LIVRE - SÃO PAULO. (2013) “Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo”. In: MARICATO [et al.]. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior.

Imagens em Movimento

COM VANDALISMO. (2013) Direção: Coletivo Nigéria. Brasil.

JUNHO (2013) O mês que abalou o Brasil. Direção: João Wainer. Brasil.

Outras publicações do autor

FREITAS, K. (2013). Mídia Ninja: a disputa por significado nas imagens das manifestações no Brasil. Anais do Congresso Internacional Net Ativismo: redes digitais e novas práticas de democracia, USP, 06 a 08 de novembro.

FREITAS, K. (2014). Cidades em rede: Os efeitos de enxame e de contágio na Jornada de Junho. Anais do VII Congresso dos Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação, UFRJ, 15 a 17 de outubro.

FREITAS, K. (2009). Documentários móveis e performáticos. Review Sala 206, v. 1, p. 45-55.

FREITAS, K. (2009). Autorretratos móveis: processos de subjetivação no documentário contemporâneo. (p. 103-113). In: VILAÇA, Adilson e DADALTO, Maria C. (orgs.). Mosaico da Cultura Ocidental. Vitória: Cultural & Edições Tertúlia.

FREITAS, K. (2008). Crise de representação: Pela presença do corpo no fazer cinematográfico (p. 95- 109). In: DADALTO, Maria C. e VILAÇA, Adilson (orgs.). Reconfigurações identitárias. Vitória: Cultural & Edições Tertúlia.

